ISSN: 2358-8829

CARTA COMO DISPOSITIVO NARRATIVO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM LETRAS

Nazarete Andrade Mariano[1]

PARA INÍCIO DE CONVERSA: A carta como dispositivo de encontros

Não há como iniciar esta escrita senão por algumas indagações. O que pode uma carta quando ultrapassa a função comunicativa primária e se constitui em um dispositivo de autoria, atravessado pela escuta e pela construção de conhecimentos? Talvez seja preciso assumir, nesta escrita, a condição, não apenas de andarilha, nem tampouco de um singelo carteiro, mas de uma *carteiraandarilha*, dessas que percorrem caminhos carregando um *alforge* de correspondências, sem saber ao certo quais encontros cada entrega poderá experienciar. Afinal, uma carta não transporta apenas palavras soltas ao vento.

Como *carteiraandarilha* podemos percorrer diferentes territórios, alcançando comunidades ribeirinhas e quilombolas e atravessando oceanos em direção a outros países do Sul Global, nos quais a Língua Portuguesa circula em meio a diferentes experiências intercambiáveis. Essas travessias articulam investigações desenvolvidas na formação inicial de professores de Letras, as ações extensionistas do projeto Escridocente, vinculado ao programa Lugar de Criação. É diante desse horizonte que situamos as experiências com *cartasnarrativas*, que ultrapassam os limites da UPE, Campus Petrolina**.**

Diante disso, o artigo orienta-se pela seguinte questão da pesquisa: de que modo as *cartasnarrativas*, produzidas em diferentes contextos educativos e socioculturais, constituem dispositivos de autoria, escuta e produção de conhecimento que contribuem para a formação docente em Letras? Essa problematização nos convida a pensar as *cartasnarrativas* para além de sua dimensão textual. Sobretudo, investigar as contribuições das *cartasnarrativas* como dispositivo de autoria, escuta e produção de conhecimentos na formação docente em Letras, com base em experiências narrativas

[1] Professora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolna. Doutra em Letras pelo PósCrítica (UNEB). Profesora da Educação Básica Sec-BA, nazarete.mariano@upe.br.

compartilhadas entre diferentes sujeitos, em distintos contextos educativos e socioculturais. Essas experiências organizam-se em três eixos investigativos.

O percurso investigativo fundamenta-se nos estudos dos letramentos sociais e críticos (Street, 2014; Freire, 1989), das narrativas de experiências (Larrosa, 2002), das *cartasnarrativas* como dispositivos de autoria e formação docente (Mariano, 2025) e dos saberes docentes e núcleos de sentidos produzidos nas experiências narradas (Suárez, 2023). Esses referenciais são articulados à interpretação das *cartasnarrativas* reunidas nas produções que constituem o corpus da pesquisa.

Para acompanhar as travessias das *cartasnarrativas*, este artigo organiza-se em quatro movimentos, além desta introdução. No primeiro, intitulado *"O percurso de uma carteiraandarilha com as cartasnarrativas"*, apresentamos o caminho metodológico que constitui o corpus da investigação. No segundo, *"O que pode uma cartanarrativa?"*, estabelecemos interlocuções teóricas com as *cartasnarrativas*. No terceiro, *"Cartasnarrativas em travessia:*Discussões preliminares*"*, articulando os três eixos investigativos às discussões sobre autoria, saberes e processos formativos. Por fim, nas considerações finais, retomamos as inquietações que mobilizaram esta escrita.

O PERCURSO DE UMA *CARTEIRAANDARILHA* COM AS *CARTASNARRATIVAS*

Ao retomar o *alforge* desta *carteiraandarilha*, deparo-me com correspondências que atravessam diferentes territórios e contextos educativos e socioculturais. São cartas que partem, chegam, retornam e mobilizam experiências de sujeitos que encontram na escrita possibilidades de narrar a si mesmos e estabelecer interlocuções com o outro. A investigação assume uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, tendo a narrativa de experiência como dispositivo investigativo e a perspectiva cartográfica como orientação para acompanhar os processos e os núcleos de sentidos que emergem das produções analisadas.

Assim, antes de continuarmos andarilhando por essas travessias, considero necessário revisitar algumas experiências que antecedem esses movimentos. Há dez anos, esse dispositivo integra minhas práticas pedagógicas, entre 2016 e 2019. Essas experiências culminaram na publicação de duas coletâneas. Uma foi desenvolvida por meio das trocas de cartas entre mim, enquanto professora de Língua Portuguesa, e a

estudante Batista (2019), nas quais compartilhávamos reflexões acerca das práticas de escrita realizadas com os estudantes de sua turma. Movimento semelhante ocorreu com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio do projeto intitulado *"Quem disse que estudante da EJA não escreve?"* (2019), que também resultou na publicação de uma coletânea de cartas.

Em 2021, retomo o processo de troca de cartas com os colaboradores da minha pesquisa de tese de doutorado, que resultou na produção do livro/ebook Cartas/narrativas: um insurgente dispositivo (2025[2]). Assim, dando continuidade às narrativas de experiências com as práticas de escrita, as cartas também atravessaram o próprio processo de escrita da tese de doutorado, cuja versão final foi construída em forma de cartas. Retornando à sala de aula, tanto na Educação Básica quanto na graduação em Letras, sigo ampliando as experiências com as práticas de escrita. Nesse movimento, destaco o projeto desenvolvido com estudantes do Ensino Médio, que resultou na publicação do livro/e-book *Vozes rasgando o silêncio* (2025[3]).

Ainda nessa travessia, inserimos no Programa Lugar de Criação (PLC) uma nova proposta de projeto de extensão, intitulada *Escridocente em travessia*, por meio da qual propusemos uma ação de troca de cartas entre estudantes do primeiro período de Letras e docentes de Língua Portuguesa da Argentina. As trocas dessas *cartasnarrativas* resultaram na publicação do e-book *Uma língua, vários dizeres* (2026[4]).

Essas experiências também se estenderam ao curso de Matemática, no qual os estudantes que cursavam a disciplina Língua Portuguesa na Construção do Conhecimento trocaram *cartasnarrativas* com professores da Educação Básica do Vale do São Francisco: Pernambuco e Bahia. Desse encontro nasce o e-book *Experiências que se multiplicam* (2026[5]), dando continuidade às andanças com as *cartasnarrativas* na formação docente. Além, do e-book *Narrativas que se aquilombam* (2026[6]), que corresponde à pesquisa de iniciação científica realizada entre um

---

[2] Link do ebook disponível em: https://drive.google.com/file/d/1okvPrBn6s7mZkh0pDlMCeMaOlOGxoSMg/view, acesso em 08.11.2026.
[3] Link do ebook disponível em: https://editoraoxente.site123.me/e-books-gr%C3%81tis/vozes-rasgando-o-sil%C3%AAncio, acesso em 08.11.2026.
[4] Link do ebook disponível em: https://editoraoxente.site123.me/e-books-gr%C3%81tis/vozes-rasgando-o-sil%C3%AAncio, acesso em 08.11.2026.
[5] No prelo.
[6] Link do ebook disponível em: https://editoraoxente.site123.me/e-books-gr%C3%81tis/narrativas-que-se-aquilombam, em 08.11.2026.

graduando-pesquisador em Letras e sujeitos da Comunidade Quilombola Saruê, em Santa Maria da Boa Vista/PE.

Nesse mapeamento podemos observar que há três eixos que se atravessam, o primeiro resulta de pesquisa em Cartas/narrativas: *um dispositivo insurgente* (2025) e *Narrativas que se aquilombam (2026)*. Extensão *Uma língua, vários dizeres* (2026) e Narrativas que se multiplicam (2026). No eixo de ensino *Vozes rasgando o silêncio* (2025), inspirados em "Quem disse que estudantes EJA não escreve? (2019) e Voz rasgando o silêncio (2019).

Participam dessas travessias licenciandos, professores, estudantes do Ensino Médio, lideranças e jovens quilombolas, cujas narrativas mobilizam trajetórias formativas, experiências linguísticas e culturais, memórias, saberes ancestrais e sentidos de pertencimento. Interessa-nos compreender aquilo que os sujeitos narram, como também as relações estabelecidas entre quem escreve, lê e responde, reconhecendo a carta como dispositivo que produz encontros e deslocamentos formativos.

Em diálogo com Suárez (2023), compreendemos que as narrativas possibilitam fazer circular saberes produzidos nas experiências educativas. Nessa direção, o autor problematiza os modos de "produzir, disponibilizar publicamente, fazer circular e receber o conhecimento no campo educativo" (Suárez, 2023, p. 3, tradução nossa), apontando para as potencialidades da investigação narrativa na construção de outros modos de compreender e produzir saberes. Afinal, cada carta carrega sentidos singulares e abre possibilidades para outras leituras e diferentes modos de compreender a formação docente em Letras.

O QUE PODE UMA *CARTANARRATIVA?* Discussões preliminares

Como uma *carteiraanderinha*, é preciso compreender que a carta, enquanto gênero discursivo, constitui uma prática de linguagem marcada pela interlocução entre sujeitos. Sua configuração pressupõe alguém que escreve e outro a quem a escrita se dirige. Assim, compreendemos as *cartasnarrativas*, aqui grafadas juntas, como um dispositivo de escrita que articula a carta às narrativas de experiências dos sujeitos, possibilitando movimentos de escrita de si, do outro e do mundo. A escolha por escrever *cartasnarrativas* em uma única palavra constitui também um ato político,

compreendendo-as como práticas de escrita que se entrelaçam e produzem outros modos de narrar as experiências vividas.

Nessa perspectiva, as *cartasnarrativas* se constituem como espaços de autoria, escuta, partilha de saberes e produção de sentidos. Ao escreverem suas experiências, os sujeitos afirmam suas vozes, interrogam práticas instituídas e fazem circular saberes que, muitas vezes, permanecem à margem dos espaços acadêmicos e escolares. Assim, compreendemos as *cartasnarrativas* como um dispositivo insurgente, atravessado por movimentos de resistência, criação e afirmação de outros modos de escrever, narrar e existir.

Essa compreensão aproxima-se de Bakhtin (2011), pela dimensão dialógica da linguagem, ao afirmar que "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados" (Bakhtin, 2011, p. 272). Nessa perspectiva, compreendemos que as *cartasnarrativas* permanecem abertas às interlocuções, às leituras e às respostas dos sujeitos que participam desses encontros. No âmbito do projeto Escridocente em Travessia, podemos compreendê-las como dispositivos extensionistas que conectam sujeitos, experiências e territórios, favorecendo a circulação de narrativas entre estudantes de Letras e professores de diferentes países.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva da autora, ao afirmar que os "escridocentes ganham contorno com as narrativas de experiências com as práticas de escrita, que costuram vida, docência e linguagem, forjando uma vestimenta que se refaz no percurso" (Mariano, 2025, p. 42). Nesse movimento, compreendemos que as *cartasnarrativas* possibilitam aos sujeitos revisitar suas experiências, interrogar suas práticas e produzir outros sentidos sobre a formação docente, constituindo espaços de encontros e agenciamentos nos quais a escrita se entrelaça à vida e aos processos de constituição autoral.

No campo da formação docente em Letras, essa compreensão assume relevância por possibilitar que os licenciandos experimentem a escrita para além das exigências acadêmicas convencionais, constituindo-se autores de narrativas atravessadas por experiências pessoais, escolares, universitárias e socioculturais. As práticas de escrita mobilizadas na formação docente possibilitam acompanhar processos de autoria e reflexão sobre as experiências que atravessam a constituição dos professores em formação.

É nesse movimento que o *conceitometáfora* da *carteiraandarilha* encontra sua relação com a dimensão formativa das *cartasnarrativas*. As correspondências que circulam entre diferentes sujeitos e territórios não transportam sentidos acabados, pois cada leitura, resposta ou reescrita pode produzir outras interpretações e novos encontros. Uma mesma experiência pode produzir diferentes sentidos, uma vez que os sujeitos narram a partir de suas histórias, relações e condições socioculturais. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Larrosa (2002), para quem a experiência diz respeito àquilo que nos acontece e produz efeitos em nossos modos de perceber e compreender o mundo.

No campo da formação docente, as contribuições de Suárez (2023) possibilitam compreender as narrativas de experiências pedagógicas como práticas de investigação e produção de saberes. Ao documentarem e compartilharem suas experiências, professores e sujeitos em formação tornam visíveis conhecimentos construídos nos cotidianos educativos, muitas vezes pouco reconhecidos pelas formas convencionais de produção acadêmica.

Em diálogo com essa perspectiva, os núcleos de sentidos constituem possibilidades analíticas para acompanhar aquilo que emerge das narrativas, considerando acontecimentos, memórias, inquietações e saberes mobilizados pelos sujeitos. Não se trata de estabelecer categorias fixas ou previamente determinadas, mas de reconhecer os sentidos que se produzem nas experiências narradas e suas relações com os contextos nos quais os sujeitos estão inseridos. Assim, os núcleos de sentidos são construídos no percurso interpretativo da investigação, em interlocução com as contribuições de Suárez (2023).

Nesse movimento, as *cartasnarrativas* apresentam possibilidades de formação ao favorecerem que os sujeitos revisitem suas experiências, reconheçam saberes construídos em diferentes espaços e estabeleçam interlocuções sobre seus percursos. Logo, compreender as cartasnarrativas como dispositivos de formação docente exige reconhecer que a escrita não constitui uma prática neutra ou desvinculada das condições sociais nas quais é produzida. Ao contrário, os usos da linguagem são atravessados por relações culturais, históricas, políticas e institucionais que participam da produção de sentidos e da constituição dos sujeitos.

Nessa direção, os estudos dos letramentos sociais de Street (2014) contribuem para deslocar a compreensão da escrita como habilidade exclusivamente individual,

ISSN: 2358-8829

reconhecendo-a como prática social situada. Essa perspectiva permite problematizar concepções que atribuem à escrita um valor universal e homogêneo, desconsiderando os diferentes modos pelos quais os sujeitos se relacionam com a linguagem em seus contextos socioculturais.

Em diálogo com Street, as contribuições de Freire (1989) ampliam a compreensão das relações entre linguagem, experiência e formação crítica. Ao reconhecer que a leitura da palavra se articula à leitura do mundo, Freire possibilita compreender que os sujeitos chegam aos espaços educativos carregando experiências, conhecimentos e interpretações da realidade. Assim, as práticas de leitura e escrita não podem ser dissociadas das histórias e dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos.

É nesse horizonte que as *cartasnarrativas*, conforme discutidas por Mariano (2025), apresentam possibilidades de deslocamento das práticas convencionais de escrita acadêmica, ao mobilizarem experiências pessoais e coletivas como materialidades de reflexão e produção de conhecimentos. Ao narrarem suas trajetórias, os licenciandos estabelecem relações entre suas experiências de vida e os processos de formação, assumindo posições de autoria diante da linguagem e da própria docência.

Como foi apontado no decorrer deste texto, a potência formativa dessas práticas não se restringe aos estudantes universitários. Quando as *cartasnarrativas* circulam entre professores de diferentes países, jovens do Ensino Médio e sujeitos de comunidades tradicionais, ampliam-se as possibilidades de interlocução entre conhecimentos acadêmicos e saberes produzidos em diferentes territórios. Essas experiências permitem problematizar hierarquias entre modos de conhecer e reconhecer a pluralidade de práticas sociais de escrita que atravessam a formação docente.

CARTASNARRATIVAS EM TRAVESSIA: Discussões preliminares

Ao abrir novamente o alforge desta *carteiraandarilha*, encontro correspondências que carregam experiências de sujeitos situados em diferentes contextos educativos e socioculturais. São cartas que partem da universidade, atravessam os espaços escolares, percorrem territórios nacionais e internacionais e chegam às comunidades tradicionais, mobilizando memórias, saberes e pertencimentos. Embora constituídas em diferentes condições de produção, essas *cartasnarrativas*

ISSN: 2358-8829

aproximam-se por possibilitarem que os sujeitos assumam posições de autoria e estabeleçam interlocuções por meio da escrita de suas experiências. A escrita de si, nesse contexto, possibilita reconhecer que a constituição docente não se inicia exclusivamente no ingresso à universidade, mas se encontra atravessada por experiências anteriores que participam dos modos pelos quais os sujeitos compreendem a profissão.

Na continuidade dessas travessias, outras correspondências chegam ao alforge, agora atravessadas por experiências linguísticas e culturais compartilhadas entre sujeitos de diferentes países. Trata-se das *cartasnarrativas* reunidas no e-book *Uma língua, vários dizeres* (2026), resultante do projeto *Escridocente em Travessia*, vinculado ao Programa de Extensão Lugar de Criação. São cartas produzidas em intercâmbio entre estudantes de Letras e professores de Língua Portuguesa do Brasil, da Argentina, do México e de Timor-Leste ampliam as possibilidades de interlocução entre sujeitos que vivenciam diferentes relações com a língua portuguesa, considerando suas experiências formativas e os contextos culturais nos quais estão inseridos.

Nesse movimento, a escuta e a alteridade constituem dimensões importantes das práticas de escrita, uma vez que a circulação das cartas possibilita encontros entre diferentes modos de narrar experiências e compreender a linguagem. Ao escreverem para sujeitos situados em outros territórios, os participantes são convidados a compartilhar suas trajetórias e a reconhecer experiências que nem sempre correspondem às suas próprias vivências.

Nessa direção, as práticas de letramento se referem também "às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita" (Street, 2014, p. 18). Essa compreensão nos possibilita reconhecer que as *cartasnarrativas*, ao circularem entre sujeitos de diferentes territórios, não se restringem ao exercício da escrita, mas mobilizam experiências, saberes e modos singulares de compreender a linguagem.

As correspondências também encontram as juventudes do Ensino Médio, especialmente nas experiências desenvolvidas no projeto *Vozes rasgando o silêncio* (2025), realizado na Escola Estadual de Tempo Integral Dona Guiomar Barreto Meira, em Juazeiro/BA. Nesse contexto, as práticas de escrita de si possibilitam que os estudantes mobilizem memórias, inquietações e percepções sobre suas relações com a escola, a família e a sociedade. Ao assumirem a autoria de suas narrativas, os jovens

ISSN: 2358-8829

experimentam a linguagem como possibilidade de expressão e reflexão sobre suas experiências, ampliando os sentidos atribuídos à escrita no espaço escolar.

Essas práticas permitem estabelecer aproximações com Freire (1989), especialmente quando compreendemos que os sujeitos chegam à escola trazendo experiências e conhecimentos construídos em suas relações com o mundo. Nessa direção, o autor afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1989, p. 11), compreensão que nos convida a reconhecer que as práticas de escrita não se iniciam nem se encerram nos espaços escolares, mas se constituem nas relações que os sujeitos estabelecem com suas experiências e seus contextos socioculturais.

Assim, as *cartasnarrativas* podem favorecer práticas pedagógicas que reconheçam as juventudes como produtoras de sentidos e conhecimentos, deslocando a escrita de uma atividade exclusivamente escolar para uma experiência de interlocução e autoria. Para a formação docente em Letras, esse movimento possibilita problematizar modos de ensinar a escrita, considerando a importância de práticas que valorizem as experiências socioculturais dos estudantes e abram possibilidades para que suas vozes, memórias e inquietações também participem da produção de conhecimentos.

Ao prosseguir pelas andanças como *carteiraandarilha*, chegamos às correspondências que se aquilombam, reunidas no e-book *Narrativas que se aquilombam* (2026), resultante da pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre um graduando-pesquisador em Letras e sujeitos da Comunidade Quilombola Saruê, em Santa Maria da Boa Vista/PE.

Nessas narrativas, as memórias individuais e coletivas, os saberes ancestrais, as relações com o território e os sentidos de pertencimento constituem dimensões importantes das experiências compartilhadas. A escrita epistolar possibilita estabelecer encontros entre os conhecimentos produzidos na universidade e aqueles que circulam na comunidade, reconhecendo os sujeitos quilombolas como autores de suas próprias narrativas.

Nesse contexto, a relação entre memória, território e pertencimento emergem como núcleos de sentidos relevantes para compreender as experiências narradas. As cartas mobilizam histórias de vida, práticas culturais e conhecimentos transmitidos entre gerações, possibilitando que os sujeitos compartilhem modos singulares de existir e se relacionar com o território. Para o graduando-pesquisador, essas interlocuções também constituem experiências formativas, uma vez que o encontro com os saberes

ISSN: 2358-8829

comunitários amplia as possibilidades de compreender a linguagem, a escrita e a produção de conhecimentos para além dos espaços acadêmicos.

Ao aproximarmos as experiências reunidas nos três eixos investigativos - pesquisa, extensão e ensino, reconhecemos que as *cartasnarrativas* apresentam singularidades relacionadas aos sujeitos, aos territórios e às condições de produção. As narrativas de experiências possibilitam deslocamentos nas posições ocupadas pelos sujeitos nos processos formativos, reconhecendo-os como "sujeitos de enunciação, produtores ou criadores de saberes" (Suárez, 2023, p. 8, tradução nossa). Essa compreensão nos convida a reconhecer que as *cartasnarrativas*, ao atravessarem diferentes territórios educativos e socioculturais, mobilizam movimentos de autoria e interlocução nos quais os sujeitos não apenas compartilham suas experiências, mas também interrogam suas práticas, produzem conhecimentos e participam ativamente dos processos de formação docente em Letras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Correspondências que permanecem em travessia

Ao chegarmos a este ponto das andanças, retomo o *alforge* de *carteiraandarilha* para revisitar os encontros, as experiências e os sentidos que emergiram ao longo desta investigação para pensar que a relevância desta investigação reside, sobretudo, em contribuir para a ampliação das discussões sobre as práticas sociais de escrita na formação docente em Letras, ao evidenciar possibilidades de interlocução entre universidade, escola e comunidades tradicionais.

Do ponto de vista acadêmico e formativo, o estudo contribui para pensar a escrita para além de uma atividade escolar ou exigência curricular, compreendendo-a como prática social, cultural e política que mobiliza autoria, escuta e produção compartilhada de conhecimentos. No âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, essas experiências também apontam para possibilidades de construção de práticas formativas mais dialógicas, que valorizem a pluralidade de vozes, os diferentes modos de narrar e os saberes produzidos pelos sujeitos em seus territórios.

Por fim, reconhecemos que ainda há muitas cartas a serem escritas, lidas, respondidas e colocadas em circulação. As reflexões aqui apresentadas não pretendem esgotar as possibilidades investigativas das *cartasnarrativas*, mas abrir caminhos para

outras pesquisas que acompanhem seus desdobramentos nas práticas de ensino, pesquisa e extensão.

Por fim, torna-se pertinente aprofundar investigações sobre os efeitos dessas práticas nos diferentes territórios e sobre os modos como os sujeitos atribuem sentidos às experiências narradas. Afinal, como *carteiraandarilha*, compreendo que cada correspondência entregue não representa o término de uma travessia, mas a possibilidade de outros encontros, outras escritas e diferentes movimentos de constituição *escridocente*.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Image, music, text. Tradução de Stephen Heath. New York: Hill and Wang, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/. Acesso em: 4 nov. 2026.

MARIANO, Nazarete Andrade. Alforge escridocente. 2025. Tese (Doutorado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/0/home, último acesso em 07.11.2026.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

STREET, Brian Vincent. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Documentação narrativa de experiências pedagógicas na formação docente em redes. Horizontes, 2023. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1645. Acesso em: 4 nov. 2026.

SUÁREZ, Daniel Hugo. El giro pedagógico en el currículum, la formación y el oficio de enseñar: experiencias, principios e inspiraciones con investigaciones narrativas en educación. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 21, p. 1-24, 2023. DOI: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e60011.

Palavras-chave: Cartanarrativa; Formação Docente, Pesquisa, Práticas Sociais de Escrita, Vozes Plurais.